RELATO DE EXPERIÊNCIA POR GISLENE MARIA MENDES [1], MIRADOURO - MG

Nasci na Zona Rural de Miradouro, estado de Minas Gerais. Em 1979, quando minha Mãe estava prestes a dar à luz, naquela comunidade ainda não havia estradas boas, veículo era só uma pessoa que possuía, e era quem socorria na hora de uma emergência, se conta que, meu Pai quando foi acioná-lo, como era longe uma casa da outra, quando chegou eu já havia nascido. Minha Mãe teve nove filhos, sendo eu a primeira, a maioria dos meus irmãos, nasceram em casa, com parteira, outras vezes ela dava à luz sozinha mesmo. Se hoje as coisas complicam até mesmo dentro dos hospitais com todo recurso e os avanços da medicina, imagina naquela época. Sobrevivemos por sorte! E acredito muito na missão que Deus nos confiou.

Desde muito cedo, minha mãe nos levava para a Igrejinha do Sagrado Coração de Jesus da Comunidade do Alegre, onde fazíamos parte das Comunidades Eclesiais de Base – CEBs, onde vivi toda a minha infância. Os únicos lugares de passeio era a Igreja e na casa das tias. Aos domingos era uma festa, reunia a criançada, muita diversão, a maioria das brincadeiras muitos nem conhecem mais, como as cantigas de roda, bandeirinha estourada, pique, queimada, e até mesmo o futebol no terreiro meninas e meninos se juntavam para se divertirem. Mas a vida de criança na roça, naquela época não era só de brincadeiras, tínhamos que trabalhar também e "dar conta do recado porque senão o couro comia" como dizia meu pai. Ainda bem novinha, com 08 ou 09 anos de idade, cuidava da casa, fazia comida, levava na roça, tocava bois no pasto, capinava, ajudava nas plantações e nas colheitas. Na hora que não estava na escola, serviço não faltava. Com uma família de muitos filhos, todos tinham que fazer a sua parte para dar conta de produzir comida para todo mundo.

Quando eu estudava no primário, aconteceu um fato de uma briga com a professora, eu ainda estava na segunda série, a professora naquela época não era exigida formação em magistério ou pedagogia, se tivesse a quarta série, podia dar aula. Então quem era minha professora era uma prima, vizinha, que eu gostava muito. Só sei que eu e ela tivemos um desentendimento, e meu pai foi tirar satisfação com ela, o que ocasionou a minha mudança para outra escola, muito mais distante, era em média 45 minutos que eu gastava andando a pé todos os dias para chegar na nova Escola.

Apesar da minha professora ser ótima, a distância me prejudicava muito, primeiro que eu não podia ir sozinha, meu Pai obrigava um de meus irmãos me acompanharem o que era sacrificante, como a "merenda" da escola naquela época não era como hoje, alimentação escolar, eu raramente comia na escola. E sofria uma dor de cabeça tremenda, devido ao sol muito quente e a falta de comida, até chegar em casa para almoçar demorava muito tempo, minha mãe sempre

[1] Mestranda em Direito Agrário pela Universidade Federal de Goiás, Brasil.

guardava minha marmitinha no canto do fogão a lenha, para conservar quentinha, e o cardápio geralmente era, feijão, angu e uma verdura, quase não tinha arroz, e carne só aos domingos.

Quando terminei o primário, na zona rural não tinha mais como continuar os estudos, a partir da quinta série era só na cidade. A opção era: morar na casa de parente, ou ir todos os dias em cima de um caminhão de leite, daqueles que ainda recolhia o leite nas latas, o único meio de transporte diário da comunidade para a cidade. Experimentei de tudo, meu Pai queria que eu estudasse, o sonho dele era que eu fosse professora. Aos treze anos de idade fui morar com minha vó Paterna, a vó Oscarina, que Deus á tenha, ela tinha dado AVC, antigamente falavam "derrame" e alguém tinha que cuidar dela. Então fui eu, para dar banho, fazer comida, dar comida na boca, cuidar da casa e estudava. Acho que não dei muito conta, uma tia foi morar com minha vó e eu continuei por mais algum tempo. Morei também na casa de uma Família, primos longe lá de terceiros graus, e nessa casa eles criavam porcos, coelhos, cabritos... e vendiam pela cidade. Eu e outras primas morávamos nessa casa para estudarmos. E a gente tinha que ajudar a fazer isso tudo, cuidar dos animais, buscar comida que eram restos que sobravam dos restaurantes e que chegava no ônibus e tínhamos que buscar no ponto todos os dias, vendia as carnes nos bairros da periferia da cidade, a vida não era nada fácil. Quando não aguentava mais, voltei para casa na roça, e de lá passei a ir para a escola de caminhão de leite, que saía cedinho, tinha que fazer marmita para comer durante a viagem, minha aula começava as 12:30 horas, e terminava as 16 horas, tinha dia que chegava em casa 10 horas da noite, enfrentando chuvas, a escuridão e o medo. Mesmo assim, meu Pai não entendia, nem mesmo perguntava o que havia acontecido, me batia por chegar tão tarde em casa. A vontade de desistir era enorme, eu não entendia porque passar por aquela situação. Muitas vezes pedi Deus para morrer. Mas tinha muita pena da minha Mãe, que sofria todo tipo de violência, física, psicológica... O meu maior sonho era ver minha Mãe feliz.

Das vezes que tentei desistir, meu Pai me fazia voltar, isso devo a ele, se consegui chegar aonde cheguei, foi ele que apesar de tudo me forçou a seguir o caminho.

Na oitava série, o prefeito da época, em 1997, inaugurou-se uma Escola que contemplava o 1 º grau do ensino fundamental, no povoado chamado Monte Alverne, mais próximo a minha comunidade, numa distância de 11 quilômetros, eu ia a pé, ou a cavalo porque transporte escolar não existia. Mas antes de ir para a escola, tinha que ir cedinho para a roça e dar conta de capinar um trecho da lavoura, senão meu pai me batia. Essa era a vida que eu levava e muitos hoje têm tudo de bom e do melhor e não dão o devido valor.

Depois de tirar a oitava série, outra maratona, tinha que voltar para cidade para continuar os estudos. Consegui um emprego de doméstica, onde trabalhei e morei um ano e ganhava uma "micharia", depois surgiu uma oportunidade de um emprego de carteira assinada, de cozinheira de uma lanchonete, no princípio morei na casa de um tio, que cuidava da minha vó paterna, depois resolvi morar com uma colega e

dividir as despesas de casa. Com isso, as coisas começaram a melhorar.

Trabalhei durante dois anos nessa lanchonete, e tive que pedir conta, quando minha Mãe engravidou de gêmeos, meus irmãos caçula, senti na obrigação de ajudá-la em casa, diante de toda situação de pobreza, cuidar de duas crianças recém-nascidas não foi nada fácil. Depois de uns seis meses, eu já acostumada na cidade, de ter meu dinheiro, consegui um novo emprego, num mercado da cidade, ali trabalhei também por aproximadamente dois anos, um trabalho puxado, sem folga, fiz durante esse tempo um curso de técnica de enfermagem, mas que não exerci a profissão, pois fui chamada a trabalhar no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Miradouro, onde tive a oportunidade de participar de processos de formação que levo para a vida.

Foi nessa época que, consegui entrar na faculdade, escolhi Serviço Social, justamente um curso em que eu tinha a esperança de conseguir ajudar minha Mãe e minha família, e consegui a fazer esse curso, graças as políticas públicas de um governo popular que iniciou em 2003. A partir daí as nossas vidas começaram a mudar. Chegou na zona rural a luz elétrica, através do Programa Luz Para Todos, o Bolsa Família, o PRONAF (Programa Nacional da Agricultura familiar), transporte escolar, as estradas melhoraram.... Não tem como falar da minha estória de vida sem estar ligado ao Governo Lula. Assim foram também as mudanças de vida de milhares de pessoas.

Conheci o trabalho da CPT (Comissão Pastoral da Terra), nesse período em que entrei para trabalhar no Sindicato, participei de reuniões da coordenação e de agentes da região, participei de Congresso Nacional da CPT, de Fórum Social Mundial, foram essas saídas que me abriram os caminhos e a luz desse novo jeito de ver o mundo que me fez chegar onde estou.

Diante de minha participação política com viés social fui convidada a ser candidata a vice-prefeita da minha cidade, que com o apoio dos companheiros e companheiras do Partido dos Trabalhadores, topei do desafio, e consegui me eleger numa coligação que não deu muito certo, depois de um tempo, decidimos no coletivo do partido, não continuar naquele governo, por não compactuarmos com as atitudes do prefeito. Com isso fizemos uma articulação em prol de um Movimento em defesa de Miradouro, numa nova conjuntura conseguimos nos eleger, eu novamente como vice-prefeita.

Devido ter acumulado experiência no executivo municipal, através de vice-prefeita por dois mandatos, coloquei meu nome a disposição para disputar o cargo de prefeita da cidade, que no momento, devido a conjuntura, não foi possível. O partido optou por apoiar o prefeito atual pela reeleição. Eu optei por não aceitar nenhum cargo oferecido e nem participar da campanha, mantendo a coerência os princípios que aprendi na minha vida de Comunidade, que foi as Comunidades Eclesiais de Base na qual me espelho desde criança, foi quem me ensinou a caminhar.

Com essa opção de não continuar participando da gestão municipal, fiquei mais livre para participar da CPT, e dos movimentos que eu acredito estar em sintonia com o evangelho, uma missão profética e libertadora. Participo

desde 2004, da Comissão Regional de Enfrentamento á Mineração na Região da Serra do Brigadeiro, que fica na Zona da Mata de Minas Gerais, que abrange 08 municípios do parque Estadual. Essa é uma luta árdua e desigual, aonde as empresas de mineração bauxita, vêm chegando e destruindo tudo que tem pela frente. A nossa luta é articular e mobilizar as comunidades do território para conhecerem os reais impactos causados pela mineração, e com isso fortalecer a luta e construir formas de resistência contra os projetos de morte, em defesa da vida e do meio ambiente. Já obtivemos várias vitórias resultado da nossa luta que passa por várias mãos, a Comissão é formada por várias organizações e entidades que são comprometidas com um desenvolvimento para a região que respeite o meio ambiente, a cultura, os valores e o modo de vida do nosso povo.

Hoje atualmente fui eleita a assumir a Coordenação Estadual da CPT Minas, em um mandato colegiado com mais dois companheiros.

O Curso de Direito Agrário para mim é de extrema importância, pois me ajuda a preparar e apropriar de conhecimentos que nos ajudam nos desafios diários, seja na luta em defesa dos territórios contra os avanços da mineração, seja na colaboração de acesso á terra aos camponeses que estão em situações de violação de direitos. Minas Gerais é uma diversidade de conflitos, e muito das realidades estou conhecendo agora, e o curso de Especialização de Direito veio de encontro a tudo que venho deparando no cotidiano do trabalho à frente da CPT.

Quero agradecer aqui aos Professores do Curso de Especialização de Direito Agrário da UFG, que estão nos dando essa oportunidade, e contribuir para um mundo melhor!